

OFICINAS TERAPÊUTICAS E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA SOCIAL

PRISCILLA DOS SANTOS DA SILVA¹; CAROLINA SIOMIONKI GRAMAJO²;
ROBERTA RODRIGUES SILVEIRA³; ALICE MONTE NEGRO DE PAIVA⁴;
RITA DE CÁSSIA MACIAZEKI-GOMES⁵

¹Universidade Federal do Rio Grande – priscillaaass@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – carolsgramajo@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande – robertarodriguessilveira@gmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande – alicempaiva8@gmail.com

⁵Universidade Federal do Rio Grande – ritamaciazeki@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A aprovação da Lei nº 10.216/01, na qual o Governo Federal “dispõe sobre a proteção das pessoas acometidas de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental” (BRASIL, 2001) imprime mudanças na atenção e cuidado em saúde mental. A partir deste momento, houve uma reestruturação no modelo de assistência psiquiátrica no Brasil, marcada por transformações na prática, valores culturais e sociais. Com a Política Pública de Saúde Mental, redes de atenção à pessoas com transtornos mentais foram criadas, destinadas a desinstitucionalização, trazendo novas práticas e formas de cuidado fora dos manicômios (NUNES, TORRES, ZANOTTI, 2015).

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), compõem a rede de serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico e oferecem atendimento a pessoas com transtornos mentais graves e persistentes. O CAPS conta com uma equipe multiprofissional, que atua através de intervenções individuais ou em grupos, oferecendo oficinas terapêuticas, atividades físicas, arteterapia, entre outros, com o objetivo da reabilitação psicossocial (NUNES, TORRES, ZANOTTI, 2015; MIELKE et al., 2009). O enfoque na reabilitação psicossocial viabiliza a desconstrução de ações direcionadas à doença mental, prioriza práticas direcionadas às necessidades do/a usuário/a do serviço, além do estabelecimento de relações que auxiliam na apropriação, significação e reconstrução do/as usuário/as de suas histórias de vida (MESSIAS, 2013).

Entre as estratégias de reabilitação psicossocial, destaca-se a realização de oficinas terapêuticas. No Brasil, as oficinas ganharam destaque na saúde mental com os trabalhos de Nise da Silveira, ainda em 1940. As oficinas terapêuticas idealizadas e propostas pela psiquiatria, não imprimiam a obrigatoriedade da participação, mas um convite à participação. As atividades oferecidas compreendiam trabalhos manuais, como costuras, marcenaria, entre outros; atividades de expressão, nas quais envolviam pinturas, músicas, danças, etc.; atividades recreativas e atividades culturais (NUNES, TORRES, ZANOTTI, 2015). Nos CAPS, as oficinas terapêuticas têm como principal objetivo a reabilitação psicossocial e reinserção de indivíduos com sofrimento psíquico grave, por meio de um espaço de integração social e de expressão (NUNES, TORRES, ZANOTTI, 2015; FARIAS et al., 2017).

Tendo presente o contexto da Reforma Psiquiátrica, as práticas de reabilitação psicossocial ligadas aos CAPS, de modo especial, a realização de oficinas terapêuticas, este trabalho tem por objetivo compartilhar e refletir sobre a



experiência em uma oficina de beleza, realizada em um CAPS da região sul do Brasil.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, baseado no relato de experiência de atividades de Estágio Curricular em Psicologia Social, em andamento, realizado junto a oficinas terapêuticas, em um CAPS de uma cidade da região sul do Rio Grande do Sul.

As oficinas intituladas “Oficina de Beleza”, propostas pela estagiária de psicologia, tinham enfoque na promoção do autocuidado e interação das pessoas participantes. Os materiais utilizados na oficina, foram arrecadados com a participação colaborativa de várias pessoas e serão doados ao serviço, no intuito de que haja continuidade no trabalho nos próximos anos.

Este trabalho se baseia no relato de três oficinas realizadas no mês de julho de 2018, com duração de 1h30 cada. Para proporcionar uma maior interação e participação, estipulou-se um limite de cinco participantes, sendo estas indicadas pelos/as profissionais do serviço. As oficinas contaram com uma média de cinco participantes cada e suas idades variaram entre 19 a 50 anos. O relato dos encontros foram registrados no diário de campo. A produção da análise está ancorada na revisão da literatura, na área da saúde mental e reabilitação psicossocial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização das oficinas terapêuticas tiveram como objetivo a promoção de saúde e o bem estar das usuárias do serviço, além de contribuir com práticas de autocuidado e ampliação da interação social.

A proposta da Oficina de Beleza foi apresentada em reunião de equipe. A equipe do serviço demonstrou receptividade e concordância na realização das oficinas. E, ressaltou que as atividades, como as oficinas, eram executadas pelas acadêmicas da enfermagem e a necessidade da inserção, também, de outras áreas do conhecimento. Aqui, vale refletir sobre a importância do trabalho em equipe multiprofissional, da composição da diversidade de olhares e perspectivas de diferentes áreas na atenção à saúde mental.

No local de estágio pode-se observar diversas atividades sendo realizadas, como oficinas de jardinagem, de música, oficinas sobre temas específicos de interesses dos/as usuários/as, como por exemplo, bullying, entre outras. No entanto, percebe-se uma ausência nessas atividades, como oficinas, de estagiários/as de psicologia. Essa constatação leva ao questionamento sobre os saberes e práticas inerentes à formação em psicologia neste campo de atuação. Estaria a psicologia aberta a composição de estratégias de reabilitação psicossocial em consonância com as diretrizes preconizadas pela Política Nacional de Saúde Mental? Ou ainda, a atuação da psicologia e a demanda do serviço estaria voltada, de modo predominante, para o atendimento clínico individual? Problematicar essas questões, implica repensar o campo de saberes e práticas, produzindo aproximações entre formação em Psicologia (MACEDO; DIMENSTEIN, 2011) e o modo psicossocial de atenção, distanciando-se do modelo asilar (SALES; DIMENSTEIN, 2009a, 2009b).



Após o aval na reunião de equipe e arrecadados os produtos de maquiagem, tiveram início as Oficinas de Beleza, no mês de julho de 2018. Ao início de cada oficina era apresentada a proposta da atividade, os produtos disponíveis e convidadas as participantes para se automaquiarem. A resposta foi a mesma nas três oficinas, elas preferiram ser maquiadas pela estagiária de psicologia, pois relataram que não conseguiriam se maquiar sozinhas. Durante o processo da oficina, apareceram narrativas comuns entre as participantes, como “não querer usar um batom de cor mais forte para não chamar a atenção”, ou ainda, “por se achar velha demais para isso”.

Ao longo das oficinas, as usuárias começaram a sentir mais à vontade para pedir dicas de maquiagem e produtos para o cabelo, conversando entre si, e trocando experiências de cuidado e auxiliando umas às outras. Essas conversas informais suscitaram lembranças de vivências passadas, como o dia do casamento, o tipo de maquiagem que elas costumavam usar antigamente, além de comentários sobre infância e adolescência. Vale ressaltar a importância dessas oficinas, como um espaço terapêutico, ao configurarem um espaço de expressão, acolhimento, convivência e diálogo (FARIAS et al., 2017). Remete ainda, ao compartilhamento de narrativas de histórias de vida e a possibilidade de ressignificar fatos, cenas e lembranças vivenciadas.

Para isso, o processo de escuta dentro de serviços como o CAPS torna-se essencial, uma vez que “escutar não se limita apenas ao ouvir enquanto captação de sons (sensações), mas se refere à busca de apreensão do sentido do dizer” (CAMILLO; MAIORINO, 2012). Escutar não é apenas ouvir o que o/a usuário/a está dizendo, mas ir mais além, é abrir-se para acolher sentimentos e angústias, e juntos contribuir para o processo de elaboração de situações difíceis e/ou que causam sofrimento. Deste processo dialógico ocorre o vínculo, pois para tal ação, o profissional deve estar realmente atento ao que o usuário está lhe dizendo.

No decorrer das oficinas, pode-se perceber o quanto o processo de escuta auxiliou no desenvolvimento da atividade, fazendo com que as usuárias pudessem ter um momento de descontração, ao se sentir à vontade para conversar sobre qualquer assunto, distanciando-se de uma narrativa focada na doença, naquele momento. Ao final da oficina, pode-se observar o quanto as participantes elogiaram a maquiagem umas às outras. Além disso, tentavam incentivar uma às outras para se arrumarem mais, “nem que fosse só colocar um simples batom”. Uma outra questão abordada no grupo, foi a “importância de se arrumar para si mesma e não apenas para impressionar as outras pessoas” e da importância de se sentir bem consigo mesma.

Ao final de cada atividade, as próprias usuárias já questionavam quando seria a próxima oficina, solicitando estilos diferentes de maquiagem. Neste momento, elas eram convidadas a fazer uma avaliação da atividade, comentar a respeito do que vivenciaram e apresentar sugestões para próxima oficina. Na avaliação as participantes elogiaram o resultado final das maquiagens e relataram ter sido uma experiência diferente, pois muitas nunca tinham utilizado maquiagem antes. Pode-se perceber uma diferença, não só visual, do início da oficina para seu final. As participantes interagiam mais entre si, contavam piadas e demonstravam sentir-se bem consigo mesmas. Para encerramento e registro da atividade, era tirada uma foto em grupo.

4. CONCLUSÕES

A partir da realização da Oficina de Beleza, foi possível acompanhar a integração entre as participantes e a importância da realização de atividades relacionadas ao autocuidado, mediadas em ambientes acolhedores e extrovertidos. As narrativas expressas, ao longo das oficinas, remeteram às lembranças e o reconhecimento das vivências de (não) cuidado consigo, em cada uma das histórias de vida. A convivência em grupo, aliada às práticas de autocuidado, possibilitou momentos para olhar para si e para o outro. Como também, repensar sobre seu modo de apresentar-se no cotidiano e a importância de usar estratégias que contribuam para se sentir bem.

Sendo assim, acredita-se que as oficinas terapêuticas se constituem em espaços potentes para a promoção de estratégias de reabilitação psicossocial. A Oficina de Beleza, com foco no autocuidado e na interação das participantes, oportunizou compor estratégias de bem estar, sem focar apenas na doença. Salienta-se, que a realização de trabalhos em conjunto, entre as diferentes áreas do conhecimento, como enfermagem, educação física, psicologia, medicina, terapia ocupacional, entre outros, pode trazer bastante benefícios para usuários/as da saúde mental, além de contribuir para a troca de experiências e aprendizado entre os próprios cursos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001.
- CAMILLO, S. O.; MAIORINO, F. T. A importância da escuta no cuidado de enfermagem. **Cogitare Enferm**, v. 17, n. 3, p. 549-555, 2012.
- FARIAS, I.D., et al. Oficinas terapêuticas: percepção de trabalhadores dos Centros de Atenção Psicossocial. **J Nurs Health**, Pelotas, v. 7, n. 3, p. 1-12, 2017.
- MESSIAS, P. P. Vivenciando novas práticas em psiquiatria e saúde mental. **Rev.Saúde.Com**, v. 9, n. 3, p. 179-187, 2013.
- MACEDO, J. P.; DIMENSTEIN, M. Formação profissional no campo da saúde mental: a psicologia piauiense em análise. *Interface - Comunicação, Saúde e Educação*, Botucatu, v. 15, n. 39, p. 1145-1158, ago. 2011.
- MIELKE, F. B. O cuidado em saúde mental no CAPS no entendimento dos profissionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p.159-164, 2009.
- NUNES, V. S.; TORRES, M. A.; ZANOTTI, S. V. O psicólogo no caps: um estudo sobre oficinas terapêuticas. **ECOS**, v. 5, n. 2, p. 135 - 146, 2015.
- SALES, A. L.; DIMENSTEIN, M. Psicologia e modos de trabalho no contexto da Reforma Psiquiátrica. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 29, n. 4, p. 812-827, out./dez. 2009a.
- SALES, A. L.; DIMENSTEIN, M. Psicólogos no processo de reforma psiquiátrica: práticas em desconstrução? *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 2, p. 277-285, abr./jul. 2009b.